UM TRABALHO COM A PEDAGOGIA DE ENSINO CRÍTICO-SUPERADORA EM UMA ESCOLA DE CICLOS ATRAVÉS DO PIBID

Iago Victor Gomes Lourenço[1]
Luana Marília Pereira de Lima[2]
Gleison Gomes de Morais[3]

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Educação Física; Pedagogia Crítico-Superadora; Docência; Capoeira.

INTRODUÇÃO

O presente relato observa a experiência de dois acadêmicos bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da Universidade Estadual de Goiás - ESEFFEGO como regentes em uma turma de uma escola em ciclos da rede municipal de Goiânia – GO (Escola Municipal Recanto do Bosque). Através de uma proposta de intervenção pedagógica orientada pelo professor coordenador de área e o professor supervisor, nosso trabalho foi baseado no modelo de pedagogia crítico-superadora descrito/defendido na obra Metodologia do Ensino da Educação Física redigida por um Coletivo de Autores em 1992.

O Pibid caracteriza-se como um projeto que incentiva alunos universitários, de cursos de licenciatura, à atuação na área de docência na educação básica. O programa, organizado e financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), acontece nas unidades das universidades estaduais e federais de todo o Brasil que sustentam cursos de licenciatura. O projeto é composto em sua essência por seis alunos bolsistas e o professor coordenador, porém, incluso ao grupo de forma frequentemente ativa, estão também a escola, onde acontece a intervenção da proposta de trabalho, e o professor supervisor, efetivo da escola dentro da disciplina do curso superior em questão. A carga horária a ser cumprida neste projeto é de 8 horas semanais.

O Pibid tem, como característica forte e primária fazer acontecer a relação Escola-Universidade, tendo sempre como frente a concepção de formação de professores. O projeto objetiva trabalhar em cima da ideia de que estes dois ambientes não podem (nem devem) caminhar de maneira dissociada, onde a escola se caracteriza como um importante campo para o desenvolvimento do exercício realizado no ambiente universitário (EDITAL PIBID, 2014).

A justificativa em se optar pela pedagogia crítico-superadora pode ser entendida na forma de que, nesta se percebe claramente o cuidado que se deve ter para tratar o conteúdo, de maneira, a este se fazer interessante e percebido no cotidiano do aluno. Aqui, não se tem uma fórmula pronta e obsoleta dos conteúdos a serem ministrados. Estes [conteúdos] se fazem modificados (ou adaptados) de acordo com a também mudança do meio social e a relevância para o momento. A proposta crítico superadora tem, portanto, um cunho de acompanhar as fases da sociedade e trabalhar com conteúdos que tenham relevância para esta na atualidade.

Como no livro base de nosso estudo e atuação (Coletivo de Autores, 1992) nos é apresentando uma proposta de trabalho em uma escola sistematizada em ciclos, nos colocamos a fim de experimentar e verificar se este modelo seria de fato possível e se obteria um resultado satisfatório.

ISSN 2175-5930

METODOLOGIA

O momento pré-regência de nosso trabalho ocupou-se de boa parte do ano letivo de 2014. Nesse momento ocorreu todo embasamento teórico para uma coerente e direcionada prática, através de leituras, fichamentos e discussões com o professor coordenador, bem como fizemos o reconhecimento do local de trabalho, onde foram então levantados e arquivados todos os dados físicos e políticos da escola. Posteriormente, ainda fora realizado uma entrevista nossa para com o professor supervisor, onde foram realizadas perguntas referentes à forma de trabalho com uma escola daquela natureza, bem como as imposições regidas pela diretriz maior da Secretaria Municipal de Educação (SME) e questões mais objetivas referentes à visões conceituais de Educação Física.

Tendo este processo finalizado, partiu-se então para as etapas de observação e planejamento. A observação foi o momento em que os acadêmicos bolsitas, divididos em duplas, foram direcionados cada para determinada turma, a fim de observar e fazer anotações das aulas ministradas pelo professor efetivo da turma (supervisor). Posteriormente, estas seriam as turmas que cada dupla iria lecionar, ministrando o conteúdo previsto no planejamento anual de ensino definido pelo corpo docente da escola no início do ano. O planejamento foi o momento em que cada dupla reuniu, juntamente com o professor coordenador, para a elaboração do plano de ensino (fundamentação teórica que justifica a prática), e mais tarde com ambos os professores (supervisor e coordenador) para a elaboração dos planos de aula (descrição de cada aula). Os professores colaboraram com indicações de referenciais e com correções/sugestões nos planos.

Começando efetivamente o processo de intervenção na escola, o próximo momento foi o da execução dos planos de aulas desenvolvidos. Trabalhamos com o último trimestre de 2014, portanto, contamos com uma quantidade de 18 aulas (9 aulas duplas). Sendo que cada aula dupla durava 2 horas (incluindo o horário do lanche) e esta só acontecia uma vez na semana, as 6 horas restantes de carga horária do projeto eram organizadas e distribuídas em outros dois dias da semana, dedicadas ao estudo das próximas aulas e debate de determinado texto pré-definido.

Nosso trabalho foi com uma turma do ciclo I, com o conteúdo Lutas, sendo escolhida a luta capoeira. Todo nosso pensar e organizar de planos foi visando e obedecendo as demandas do ciclo em questão, que o Coletivo de Autores (1992, p. 35) define como sendo:

> [...] o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. [...] Cabe à escola, particularmente ao professor, organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo aluno para que ele possa formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças. [...] O aluno dá um salto qualitativo nesse ciclo quando começa a categorizar os objetos, classificá-los e associá-los.

Cogitando sempre a ideia de utilizar os conhecimentos sincréticos (do senso comum) dos alunos, ao contrastar e assimilar o conhecimento popular com o científico, fomos apresentando o conteúdo sempre focalizando o trabalho de identificação, categorização, classificação e associação.

Ao final de cada aula ministrada, fizemos anotações de como foi a realização desta aula: o que funcionou, suas dificuldades, o que precisaria ser trabalhado, se conseguimos aplicar tudo o que foi programado. De maneira informal, também conversávamos com o professor supervisor (que ficava em sala observando nossa ação e auxiliando se necessário)

ISSN 2175-5930

sobre o que ele achou de nossa prática e se este gostaria de fazer algum apontamento ou observação para aulas futuras.

A maioria de nossas aulas, com exceção da primeira que ficou por conhecer a turma e apresentar de maneira superficial o que iríamos trabalhar, tinha uma estrutura fixa: 1º Relembrar o que foi passado nas aulas anteriores; 2º Explicar determinado tópico do conteúdo (ex: roda de capoeira, golpes, instrumentos) e realizar alguma atividade que contemplasse o que foi dito (tal atividade poderia ser realizada na sala ou no pátio); 3º Organizar os alunos para o lanche; 4º Fazer uma prática reflexiva final com os alunos, revendo brevemente o conteúdo visto, pontuando as dificuldades da aula, enfatizando os pontos positivos e apresentando o conteúdo da próxima aula.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nossas aulas, apesar de estruturada de uma maneira fixa, não era formatada em uma estrutura rígida e inabalável, esta estaria sujeita a adaptações se achássemos necessário. Contudo, a metodologia por nós aplicada nos satisfez ao ser observado um bom cumprimento das valências que de início pretendíamos, baseados na então tendência crítica escolhida.

Na maioria das aulas conseguimos aplicar tudo o que planejamos nos planos de aula, quando faltava algum conteúdo que, por motivos de tempo, não deu para ser passado, sempre encaixávamos em uma aula posterior e finalizávamos nosso conteúdo.

Os alunos foram bastante colaborativos durante todo o processo, sendo que apenas na última aula se mostraram mais eufóricos, a ponto de atrapalhar um pouco nossa comunicação. Através do instrumento de avaliação por nós utilizados, percebemos nosso objetivo sendo cumprido.

CONCLUSÃO

Este trabalho de campo cumpriu seu objetivo em realizar a prática da tendência pedagógica crítico-superadora em um espaço escolar da rede municipal de Goiânia, e obteve resposta bastante satisfatória (positiva) no que se refere na efetivação desta prática. Dentro da proposta do Pibid, de iniciar a vivência dos acadêmicos no meio escolar como referidos docentes, surtiu efeito em todos os aspectos para os acadêmicos bolsistas, desde conhecer todas as exigências e comprometimento pré sala de aula até a finalização com o pós sala, nos colocando em uma situação de familiarização com o meio escolar, bem como estabeleceu o diálogo Escola-Universidade.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

EDITAL PIBID n° 061/2013 CAPES. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. 2014.

---

[1] Graduando do 5º período de Educação Física na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - ESEFFEGO. Bolsista do Pibid. iago-victor@hotmail.com

[2] Graduanda do 8º período de Educação Física na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - ESEFFEGO. Bolsista do Pibid. luanamarilia07@gmail.com

[3] Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - ESEFFEGO. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia/GO. gleisongomesu2@yahhoo.com.br